

Comunicação, Mídias e Educação

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

/Promotion
/Research
/Business
/Development
/Engineering
/Manufacturing
/Planning

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

(Organizadora)

Comunicação, Mídias e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-344-6 DOI 10.22533/at.ed.446192205 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa obra reúne um conjunto de pesquisas sobre as novas tecnologias e técnicas aplicadas à comunicação. O compilado de artigos traz contribuições relevantes para a comunidade científica e profissionais da área.

O e-book, composto por 36 artigos, apresenta diálogos contemporâneos e reflexões sobre o papel da comunicação nos mais diversos âmbitos. Estudos analisam o uso das novas mídias na educação e avaliam a convergência dos meios na partilha de informações e aprendizagem em conjunto. Pesquisas também retratam o consumo midiático, culturas comunicacionais e as manifestações no espaço urbano.

Há artigos sobre o ambiente *comunicacional* digital e o impacto das novas tecnologias na sociedade. Autores também discutem as discrepâncias entre as visões de mundo dos jornalistas e dos usuários de redes sociais e o papel dos meios de comunicação na representação da realidade. O volume traz pesquisadores de peso que compartilham conhecimento e estimulam novos estudos na área da comunicação.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS PRIMEIROS PASSOS DO MUSEU DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (MUGEO): HISTÓRICO E ACERVO	
Lena Simone Barata Souza Ezequias Nogueira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4461922051	
CAPÍTULO 2	16
CARTOGRAFÍA DIGITAL INTERACTIVA DE LO PATRIMONIAL: DEL RELATO AL “DATO” Y VICEVERSA	
Liliana Fracasso David Aperador Francisco Cabanzo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922052	
CAPÍTULO 3	33
A UTILIZAÇÃO DE MAQUETES E IMAGENS TÁTEIS COMO IMPULSIONADORAS DO APRENDIZADO PARA CEGOS E PESSOAS COM BAIXA VISÃO NAS GEOCIÊNCIAS	
Loruama Geovanna Guedes Vardiero Rodson Abreu Marques Tamires Costa Velasco Matheus Gomes Fanelli Jeruza Lacerda Benincá Barbosa Sandro Lúcio Mauri Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4461922053	
CAPÍTULO 4	45
REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA TV: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SOBRE RODAS” COM O PARATLETA FERNANDO FERNANDES	
Antonio Janiel Ienerich da Silva Henrique Alexander Grazzi Keske	
DOI 10.22533/at.ed.4461922054	
CAPÍTULO 5	62
ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA NARRATIVIZADA: AS REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE FALA PARA SUJEITOS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO	
Igor Lucas Ries	
DOI 10.22533/at.ed.4461922055	
CAPÍTULO 6	74
DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO ACADÊMICO: SOBRE UM POSSÍVEL GESTO POLISSÊMICO DE LEITURA	
Bianca Queda Costa Solange Maria Leda Gallo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922056	

CAPÍTULO 7	78
PARSER E LEITURA AUTOMATIZADA DE CURRÍCULOS DA PLATAFORMA LATTES PARA EXTRAÇÃO DE INDICADORES ACADÊMICOS E TECNOLÓGICOS	
Fernando Sarturi Prass Franklin Matheus Boijink Alexandre de Oliveira Zamberlan	
DOI 10.22533/at.ed.4461922057	
CAPÍTULO 8	96
ANOTAÇÕES SEMÂNTICAS EM REPOSITÓRIOS ACADÊMICOS:UM ESTUDO DE CASO COM O RI UFBA	
Aline Meira Rocha Lais do Nascimento Salvador Marlo Vieira dos Santos e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4461922058	
CAPÍTULO 9	113
CONTEÚDO AUDIOVISUAL DO CURSO DE PEDAGOGIA SEMIPRESENCIAL DA UNESP/UNIVESP	
Dayra Émile Guedes Martínez José Luís Bizelli	
DOI 10.22533/at.ed.4461922059	
CAPÍTULO 10	120
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: APRENDIZAGEM EM REDE	
Daiane de Lourdes Alves Ângela Cutolo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220510	
CAPÍTULO 11	132
DESAFIOS DA TUTORIA EM EAD E ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO	
Tamara de Lima Lorayne de Freitas Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44619220511	
CAPÍTULO 12	143
CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO – VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS COM A METODOLOGIA ATIVA	
Reyla Rodrigues Ribeiro Levy Silva Ribeiro Bruno Bernardes de Menezes Raquel Aparecida Souza	
DOI 10.22533/at.ed.44619220512	

CAPÍTULO 13	154
MATHQUIZ: UM JOGO EDUCATIVO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS	
José Marcelo Silva Santiago Monck Charles Nunes De Albuquerque Francisco Ranulfo Freitas Martins Junior Fernanda Kécia De Almeida Yuri Soares De Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220513	
CAPÍTULO 14	165
A MÍDIA COMO VERTENTE INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA	
Sebastião Jacinto dos Santos João Clemente de Souza Neto Marcos Júlio Sergi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220514	
CAPÍTULO 15	180
EDUCAÇÃO VISUAL: DESENVOLVIMENTO GRÁFICO DE FASCÍCULOS COM CONTEÚDO DIDÁTICO	
Caroline de Cerqueira Medeiros Fabiola Arantes de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220515	
CAPÍTULO 16	194
CULTURA VISUAL E IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAP-UERJ	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.44619220516	
CAPÍTULO 17	205
JUVENTUDES INTERIORANAS: ESTUDANTES DE PUBLICIDADE E SUAS MANEIRAS DE COMUNICAR	
Renata Valeria Calixto de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220517	
CAPÍTULO 18	215
FARTURA TRAZ ALEGRIA! O FUNK OSTENTAÇÃO E AS SUBJETIVIDADES JOVENS	
Juliana Ribeiro de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.44619220518	
CAPÍTULO 19	227
REPRESENTATIVIDADE E GÊNERO NAS PRODUÇÕES MÍDIÁTICAS: DILEMAS E APROXIMAÇÕES	
Ariana Grzegozeski Schneider Márcio Giusti Trevisol	
DOI 10.22533/at.ed.44619220519	
CAPÍTULO 20	238
A AUTOACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE UM CASO REAL	
Bruno Filipe Griebeler	
DOI 10.22533/at.ed.44619220520	

CAPÍTULO 21	254
A PERFORMANCE ENQUANTO FLUXO DE COMUNICAÇÃO NA MODA	
Antonio Cimadevila Ione Maria Bentz	
DOI 10.22533/at.ed.44619220521	
CAPÍTULO 22	266
A MIDDLEWARE PERSPECTIVE FOR INTEGRATING GINGA-NCL APPLICATIONS WITH THE INTERNET OF THINGS	
Danne Makleyston Gomes Pereira Francisco José da Silva e Silva Carlos de Salles Soares Neto Álan Lívio Vasconcelos Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220522	
CAPÍTULO 23	280
UMA ABORDAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DO RECONHECIMENTO OFF-LINE DE VOZ CONTÍNUO	
Lucas Debatin Aluizio Haendchen Filho Rudimar Luís Scaranto Dazzi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220523	
CAPÍTULO 24	297
INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DA OBRA DE ARTE DIGITAL: LINGUAGEM UBÍQUA, MODELO DE DOMÍNIO E PROGRAMAÇÃO VOLTADA PARA AS ARTES VISUAIS	
Teófilo Augusto da Silva Claudio de Castro Coutinho Filho Carlos Tiago Machel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44619220524	
CAPÍTULO 25	306
A INFLUÊNCIA DA TRIDIMENSIONALIDADE NA NARRATIVA ANIMADA: <i>FROZEN</i> E O USO DA ESTEREOSCOPIA	
Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto Leonardo Antonio de Andrade Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Felipe Contartesi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220525	
CAPÍTULO 26	317
UMA NARRATIVA PROCEDURAL DENTRO DO UNIVERSO FICCIONAL DA DC COMICS	
Leonardo Antonio de Andrade Felipe Contartesi Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220526	

CAPÍTULO 27	332
FINAL FANTASY XV: A NOVA APOSTA MULTIPLATAFORMA DA FRANQUIA	
Maria Tereza Batista Borges	
Mirna Tonus	
DOI 10.22533/at.ed.44619220527	
CAPÍTULO 28	339
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM JOGOS VIRTUAIS: UM ESTUDO SOBRE CORPO E ESTRATÉGIA NO JOGO <i>LEAGUE OF LEGENDS</i>	
Cíntia Oliveira Demaria	
Márcia Stengel	
Valéria Freire de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220528	
CAPÍTULO 29	352
GAMEPÓLITAN: UMA ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO, UTILIZANDO-SE DO E-SPORT COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO	
Luana Britto Silva Vieira	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220529	
CAPÍTULO 30	368
MÍDIAS DIGITAIS E O SITE DO COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL	
Carlos Augusto Tavares Junior	
DOI 10.22533/at.ed.44619220530	
CAPÍTULO 31	410
HOMOGENEIDADE E ENDOGENIA NOS INTERESSES DE JORNALISTAS DESCONECTAM VALOR NOTÍCIA E POPULAÇÃO	
Ana Maria Brambilla	
DOI 10.22533/at.ed.44619220531	
CAPÍTULO 32	425
O ENQUADRAMENTO DO <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF (PT) NAS REVISTAS <i>VEJA</i> E <i>CARTA CAPITAL</i>	
Carla Montuori Fernandes	
Eduardo Matidios Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220532	
CAPÍTULO 33	437
PARTICIPAÇÃO E MÍDIA: UM DEBATE SOBRE A HEGEMONIA DISCURSIVA DO CAPITALISMO	
Michele Luciane Blind de Moraes	
Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220533	
CAPÍTULO 34	449
REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O DOCUMENTÁRIO <i>O ACRE EXISTE</i>	
Daya de Kassia Pinheiro Campos	
Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220534	

CAPÍTULO 35 459

PARÂMETROS DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO RADIOFÔNICO SOBRE SAÚDE PARA CRIANÇAS DE SEIS A DEZ ANOS

Diana Diniz de Jesus

Daniela Pereira Bochembuzo

DOI 10.22533/at.ed.44619220535

CAPÍTULO 36 473

SOCIEDADE CIVIL ATIVA NA MEDIAÇÃO DAS RELAÇÕES DO MERCADO PUBLICITÁRIO COM O PÚBLICO INFANTIL

Marcos José Zablonky

Natally Navarro Encinas Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.44619220536

SOBRE A ORGANIZADORA..... 490

A MÍDIA COMO VERTENTE INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA

Sebastião Jacinto dos Santos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Doutorado em Educação, Arte e História da
Cultura
São Paulo – SP

João Clemente de Souza Neto

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Doutorado em Educação, Arte e História da
Cultura
São Paulo – SP

Marcos Júlio Sergi

Universidade Santo Amaro – UNISA
Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas
São Paulo – SP

RESUMO: Este Capítulo é resultado de estudos realizados na Base de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade na Universidade Santo Amaro e com continuidade de pesquisa na Universidade Presbiteriana Mackenzie na cidade de São Paulo. Apresentamos em forma de comunicação no I Colóquio Roland Barthes da UNISA. Objetiva analisar a necessidade de inclusão social do adolescente em Liberdade Assistida, tendo a mídia, com faces opostas que podem ser vistas como nocivas ou enriquecedoras desta aprendizagem. Os argumentos são amparados por especialistas da educação, mídia no contexto interdisciplinar: Freire (2013), Lenoir (2005), Martín-

Barbero (2006) entre outros, considerando o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Apontamos a necessidade do desenvolvimento de ações educativas que leve o adolescente no seu processo ensino-aprendizagem a vivenciar valores humanos, tais como amor, respeito, responsabilidade, honestidade e ética, entre outros, que orientem para uma boa convivência no ambiente escolar, familiar e social e a influência das mídias sobre este processo. As ideias apontam para o fato de que, se por um lado as novas mídias aumentaram a capacidade de participação, manifestação e expressão dos cidadãos, por outro, gera certa dicotomia frente ao conhecimento ao relativizá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: adolescente, Liberdade Assistida, mídia, educação inclusiva.

ABSTRACT: This chapter is the result of studies conducted in the research Base de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade na Universidade Santo Amaro and with continuity of research at Universidade Presbiteriana Mackenzie in the city of São Paulo. We present in the form of communication in the I Colóquio Roland Barthes of UNISA. It aims to analyze the need for social inclusion of the adolescent in assisted freedom, with the media, with opposing faces that can be seen as harmful or enriching of this learning. The arguments are supported

by specialists in education, media in the interdisciplinary context: Freire (2013), Lenoir (2005), Martín-Barbero (2006) among others, considering the development of teaching and learning. We point out the need to develop educational actions that bring adolescents into their teaching-learning process to experience human values, such as love, respect, responsibility, honesty and ethics, among others, which guide for a good Coexistence in the school, family and social environment and the influence of media on this process. The ideas point to the fact that, if on the one hand the new media increased the capacity of participation, manifestation and expression of the citizens, on the other, it generates a certain dichotomy in relation to knowledge when relativize it.

KEYWORDS: adolescent, assisted freedom, media, inclusive education.

1 | INTRODUÇÃO

“[...] as provas da verdade, ou, melhor dizendo, da veracidade de uma informação são, igualmente, da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito”.

(CHARAUDEAU, 2006, p. 55).

A sociedade atual continua a alimentar o “sonho” que sempre foi paradigma da espécie humana: ter uma vida tranquila e com qualidade, como fruto das novidades científicas e tecnológicas. Esta evolução possibilita cada vez mais a capacidade de acúmulo, regra básica do capitalismo que induz, em particular nos adolescentes, desejos de posses em larga escala.

Paradoxalmente, tal acúmulo tem aumentado na mesma sociedade a sensação de insegurança, tomada por uma paranoia de violência que alimenta às mídias. Neste sentido, a realidade social contemporânea é densa, ora compactada em termos de conhecimentos e informações, ora perdida no emaranhado de problemas sociais que se refletem na mídia, perfazendo um processo linear que poderíamos mapear da Grécia Antiga, com o surgimento do teatro grego aos nossos dias e com o drama das “tragédias modernas”. Nunca se teve tanta facilidade de conhecimento e de questionamento sobre as verdades. No entanto, longe de um conformismo, precisamos aceitar a condição de insatisfação da atualidade, pois se há insegurança frente às revoltas e desobediências dos adolescentes, tal situação não é atual. É natural que, ao abandonarmos as formas engessadas de conhecimento que se processaram no decorrer da história humana, se faça necessário assumir a nova condição proposta na atualidade: descrença no poder público, falta de autoridade das famílias e da escola no trato com a educação e formação do adolescente.

Nessa dualidade, os adolescentes em Liberdade Assistida, envolvidos por uma política de integração têm seus direitos garantidos conforme reformulação, consolidação e legitimação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A sociedade assume o papel de cobrança do controle social e reivindica do poder público, transparência nas políticas de garantia de direito a todos os brasileiros. Consequentemente essa cobrança, propicia uma conscientização da responsabilidade dos jovens cidadãos, defendendo-os de constrangimentos vexatórios por serem considerados incapazes de aferir reais critérios de julgamento e cobra um controle que descaracteriza sua identidade, apontando-o como uma pessoa imatura ou incapaz de assumir compromissos e responsabilidades sociais sem o amparo dos adultos.

Ao verificar documentos que regem sobre os direitos do adolescente, encontramos justificativas para a restrição do papel da mídia na atualidade, uma vez que vivemos em uma sociedade desequilibrada, marcada por forte crise de corrupção, má educação e saúde sem qualidade.

Esses mesmos adolescentes enfrentam a falta de compreensão e amor não só em casa, mas também na escola e na sociedade em geral. As aspirações deles se respaldam na busca por um lugar sem tanto controle, com um viés de liberdade que segundo eles será proporcionado pelas mídias, em especial a internet.

Embora reconhecida como elemento fundamental no processo de educação do adolescente brasileiro, às mídias são instrumentos de domínio da realidade social, entrelaçando-se com a representação de papéis que antes eram atribuídos somente ao ambiente escolar. Desta forma, às mídias apresentam-se de forma fantástica e servem como elo entre o mundo real e imaginário de seus consumidores. E os mesmos são afetados por um gerenciamento e manipulação da forma de interpretar o mundo que nem sempre representa a realidade do adolescente. Este passa então a admirar e copiar, no caso da televisão, os(as) apresentadores(as) dos programas infante-juvenis.

Os desenhos animados também têm grande aceitação nesse meio, no qual são utilizados alguns chavões como referência de estilo e moda. Quase sempre a dinâmica desses desenhos foge dos padrões estéticos, desembocando em palavrões ou comportamentos negativos que nada têm a acrescentar na formação desses adolescentes.

No caso dos adolescentes em Liberdade Assistida, pouca informação tem alimentado seu imaginário na “leitura” de mundo, já que às mídias apresentam um discurso limitado, no que se refere ao que pode ser veiculado como informação que os modifiquem socialmente.

A educação do adolescente em Liberdade Assistida atendido pela Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal/RN, parte dos pressupostos de uma sociedade em constante transformação, seja por questões regionais, como no caso do Nordeste, ou de uma realidade mais abrangente, como ocorre no resto do país (ABRAMO, 2005). A Pastoral do Menor é um serviço social da Igreja Católica, instituído pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil dentro da perspectiva da Pastoral Social.

Desta forma, os projetos educativos têm sido uma saída que justifica a inserção das mídias no mundo dos adolescentes, assumindo um tom de prestação de serviço

à comunidade envolvida na garantia de medidas socioeducativas. Dentre esses projetos, a Pastoral do Menor tem realizado um trabalho fundamental nesse processo de formação.

Por isso, o educador social ao trabalhar com este público, deve acreditar na necessidade de um trabalho educativo com base em valores humanos, tais como amor, respeito, responsabilidade, honestidade, ética, entre outros, que orientem para uma boa convivência no ambiente escolar, familiar, social e a influência das mídias sobre este processo. Mas a mídia apresenta-se por outro lado, com faces opostas, asquais podem ser vistas como nocivas ou enriquecedoras desta aprendizagem. Neste sentido, a sociedade atual marcada pela desigualdade social, acaba por alimentar os conflitos, a violência e a delinquência juvenil. A solução dos conflitos pode estar em uma educação inclusiva, que se utilize da mídia como ferramenta de educação e sensibilização desta realidade social.

2 | IDENTIDADE DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA

O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Artigo 2 (ECA, 2012, p. 31) define que a adolescência abrange a todos com 12 à 18 anos de idade. A Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia das Nações Unidas (Carta Magna para as crianças de todo o mundo) em 20 de novembro de 1989 define em seu Art.1 que “Para efeitos da presente convenção considera-se como criança todo ser humano com menos de 18 anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes” (ECA, 2012, p. 159). Não há neste documento uma diferença que separa inicialmente, os estágios: criança, adolescente e jovem. De modo que em algumas leituras da bibliografia citada poderemos está falando a partir de um referencial de uma mesma idade.

Antes de qualquer definição que esteja amparada pelos direitos das crianças e adolescentes brasileiros, priorizamos aqui, o fato de que, como tal, sendo cidadãos de direito, têm suas identidades marcadamente justificadas, por uma formação histórico-cultural própria deste país. Neste sentido, a Pastoral do Menor se guia pelas concepções da lógica da Pastoral Social, a qual acredita que: “Para desvendar o rosto das “multidões cansadas e abatidas” é necessário buscar as causas da pobreza e da exclusão social” (CNBB, 2003, p. 12).

A Pastoral do Menor constitui-se pela lógica da “educação não formal”. Neste propósito, a educação não formal se desenvolve usualmente fora do ambiente escolar, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusão social. As ações desenvolvidas são analisadas destacando-se os sujeitos que atuam como educadores nos projetos - aqui denominados como Educadores Sociais (GOHN, 2010). Esta prática, de educação não formal, auxilia na construção de novas formas

de ver a realidade, já que o adolescente em Liberdade Assistida é tratado como um ser humano com sua identidade arranhada, marcada por um desvio social. “O **desvio social** centra-se no problema de condutas: alcoolismo, drogadição, violência e várias outras formas de escapismos sociais são apresentados como **juvenis**” (GRACIANI, 2009, p. 107).

O adolescente ao praticar crimes violentos e delitos contra a propriedade, deixa a população insegura. Com os programas sociais e as políticas públicas em favor deste público, cria-se uma esfera social direcionada às questões da delinquência juvenil (LASSANCE, 2005). Neste caso, podemos encontrar muitas teorias em favor dos adolescentes infratores; porém, o modo como a população vê esse público não se contextualiza mais como uma visão de coitadinhos, pobres, limitados, mas como aqueles dignos de penas que não sejam brandas conforme seus delitos.

Os adolescentes buscam a todo custo, corresponder a sua necessidade de consumo, mesmo que para isso seja necessário praticar pequenos delitos como roubos ou assaltos. Para a população resta acompanhar assustada, às ocorrências narradas pelas mídias. Tais narrativas criam uma sensação de insegurança, não restrita mais na zona central da cidade, mas alastrando-se também pela periferia. Essa paranoia de insegurança que atingiu as áreas periféricas da cidade, apresentam mais claramente as diferenças culturais e sociais, processando-se em diferentes formas indenitárias.

A identidade desta população tem sido apresentada com o *slogan de* “suburbanos ou periféricos”. Com este tratamento, foram esquecidos no raciocínio das políticas públicas do Governo Federal, que na tentativa de mudar o discurso social, tem suprimido do contexto político, palavras negativas como: pobres ou excluídos para retratá-los como minorias. Tentando alterar essas identidades, o Governo Federal tem, neste caso, investido em programas, como por exemplo, o Programa Bolsa Família, criado no Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, que foi destaque como a principal ação do governo federal para redução da miséria. Atende atualmente mais de 13 milhões de famílias com renda per capita inferior a R\$ 140 por mês ou que tenham em sua composição gestantes, crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos e com a finalidade de eliminar a miséria do país.

Assim, o Brasil vem criando uma ordem social que se pauta por um sentimento de pertença mundial, almejando alcançar uma economia de primeiro mundo. “Esta memória lhe possibilita, por um lado, estabelecer uma ponte entre o presente e o passado, o que o legitima na história de um Brasil sem rupturas e violência” (ORTIZ, 2006, p. 124). Neste sentido, Bauman nos adverte que: “Todo tipo de ordem social produz determinadas fantasias dos perigos que lhe ameaçam a identidade. Cada sociedade, porém, gera fantasias elaboradas segundo sua própria medida – segundo a medida do tipo de ordem social que se esforça em ser” (1998, p. 52).

Nesta configuração da identidade social brasileira, segue-se a da reconfiguração da identidade do adolescente e sua participação na sociedade, implicando gastos econômicos por gerar custos para o serviço público no que se aplica a saúde, justiça

e educação especial. Tudo banhado por uma realidade educacional que requer um intenso diálogo interdisciplinar com o estético, pois “o signo estético confirma no homem traços essenciais como o refinamento dos sentimentos, o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a atenção para com o outro, a percepção da complexidade do mundo e dos seres” (BASEIO; CUNHA, 2015, p. 113).

É necessário gerar nestes adolescentes o sentimento de humanidade a partir de uma leveza estética do cuidar e ser cuidado, pois em geral, os adolescentes infratores vivem dentro de um sistema de cuidado que tem gerado certa desconfiança, já que os atos praticados por eles afetam diretamente toda a população. Essa, não acredita que haja eficiência nas medidas socioeducativas impostas aos mesmos. Estas formas de intervenção apenas contornam, ajudando e mantendo a comunidade, por certo tempo, a salvo da delinquência desses jovens.

3 | ÀS MÍDIAS E A EDUCAÇÃO DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA.

Se a educação se destina a ordenar e regular o preparo do ser humano para agir como cidadão consciente, por outro lado, as ameaças engendradas pelo poder científico-tecnológico crescem num “vácuo ético”, que condiciona uma memória coletiva. “A memória coletiva é da ordem da vivência, a memória nacional se refere a uma história que transcende os sujeitos e não se concretiza imediatamente no seu cotidiano” (ORTIZ, 2006, p. 135).

Portanto, os projetos políticos-pedagógicos devem incorporar uma dimensão ética, de conexão de saberes, valores, atitudes, técnicas e comportamentos que favoreçam à participação pública efetiva nas tomadas de decisão do sujeito coletivo, histórico e socialmente consciente de sua nacionalidade; tarefa monumental outorgada à educação. No entanto, não se pode delegar toda autoridade de formação e informação do adolescente à mídia, como se esta fosse a professora moderna, pois:

Do mesmo modo, por maior que seja a influência dos meios de comunicação sobre a opinião pública, ao exercitar positivamente seu direito de denúncia social, nenhum educador imagina transferir à mídia a responsabilidade pelo estabelecimento de valores éticos para a formação de crianças e adolescentes (São Paulo, 2010, p. 115).

É importante desenvolver a responsabilidade e controle locais sobre as atividades de conscientização, exigindo o direito à informação, estabelecendo-se redes e atividades de cooperação em nível regional e nacional, fortalecendo os códigos de conduta e diretrizes da comunidade midiática. Esta interlocução de trocas de relações plugadas, “é o ponto de partida para o trabalho colaborativo, para a formação de uma “comunidade aprendente”, nova terminologia para um dos mais antigos ideais educativos. A vantagem hoje é que a tecnologia facilita a viabilização prática desse

ideal” (São Paulo, 2010, p. 11).

No que concerne como finalidade educativa da atuação da Pastoral do Menor e seu papel na formação do adolescente em Liberdade Assistida: a ideologia midiática enquanto pensamento se aproxima da narrativa deste adolescente, que vê na escola uma forma de ordem ultrapassada. Em sua maioria, verifica que a sala de aula é ambiente onde constantemente se propaga a lógica do controle, uma cultura do limite que não estão dispostos a enfrentar diariamente, pois a escola se apresenta como uma instituição antiquada, ou porque os conhecimentos que ali se aplicam, não correspondem em sua grande maioria, a seus anseios. Neste caso, compartilhamos com Celani seu posicionamento de que:

Enquanto o mundo se move em velocidade supersônica, a escola em muitos casos, ainda está caminhando na velocidade do carro de boi. O mundo atual tornou-se menor, mais compactado, em decorrência dos avanços nos meios de comunicações e das práticas globalizantes, enquanto a escola, voltada para o passado, guiando-se pelos velhos mapas, patina na incerteza causada pelo próprio desenvolvimento da ciência, eu, de certo modo, solapa as exigências de uma base segura de conhecimento tanto para os professores quanto para os alunos. O que é certo? O que é verdadeiro? Perguntam-se todos (CELANI, 2004, p. 41).

Tal verdade se torna mais afinada quando se coloca em evidência o apoderamento das ferramentas como internet e o forte consumismo dos aparelhos celulares pelos adolescentes na sala de aula. Os atrativos de aprendizagem para os adolescentes não são mais os mapas empoeirados, as carteiras riscadas, quebradas, jogadas, arrumadas de qualquer forma, desordenadas. Os livros e materiais didáticos são mais limitados que um simples dispositivo ou site que está em suas mãos gerando um impacto de confronto entre o que o professor ensina e a empatia do aluno.

Outro grande desafio está na ordem da colaboração dos pais na educação dos filhos, pois “para muitos pais, pouco importa se o profissional da educação vai ou não avançar por outros caminhos que não seja o da mera obrigatoriedade da leitura, vista apenas como mero *start* para a difusão de outros campos do saber;” (BRANDÃO, 2014, p. 18). Estes pais não têm tempo a perder e o interesse é que os filhos não incorram aos mesmos erros que eles cometeram no passado. Se a aprendizagem “vai adentrar no campo da interdisciplinaridade, alargando o horizonte propiciado não só pela leitura, como também pelo diálogo estabelecido, a partir dela, entre vários conhecimentos” (BRANDÃO, p. 18), pouco importa, pois os adolescentes estão ficando surdos: não escutam mais seus mestres, preferem escutar os vídeos do *YouTube*, site de vídeos idealizados por dois jovens no interior de uma garagem na cidade de São Francisco na Califórnia/EU e mais tarde vendido por uma quantia de US\$ 1,65 bilhões para o Google. Consequentemente, também não escrevem mais nos cadernos; preferem zapear no *WhatsApp* compartilhando mensagens, dedicando atenção vigiada aos educadores. No entanto, a luta para descobrir quem são os culpados pela má qualidade da educação já foi iniciada.

Estamos na emergência da caça às bruxas que impedem os entrelaçamentos de uma aprendizagem de cunho interdisciplinar significativa. Não é de se estranhar que ao tentar sacrificar uma bruxa que cria tais entraves, descobrimos que há bem mais. Há vampiros que sugam as verbas, magos com ideias mirabolantes a fantasiar uma educação para além das relações humanas; por que não dizer dos visionários que no ocultismo de suas bolas de cristais lançam a sorte para ver quem leva o prêmio dos melhores do ano em projetos de educação. O certo é que, atualmente no Brasil se anuncia a “crise da educação” e qualquer indivíduo tem se achado no direito de jogar os trabalhos dos professores ou de opinarem sobre esse ou aquele tema a ser trabalhado em sala de aula. Uma confusão ideológica se estabelece na tentativa de se identificar os especialistas em educação.

Não se trata ainda, de premiar os melhores, criando assim os mercenários da educação e “não se trata aqui nem de questionar o saber, nem de interrogar os processos de aprendizagem do aluno, mas, para um ser humano, de se inclinar sobre sua experiência humana e sobre as maneiras como as coisas se apresentam através de uma tal experiência” (LENOIR, 2006). Vivemos assim, uma crise que é fruto de um conflito de época justificada por uma má preparação dos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e o fácil acesso às informações nas redes abertas e internet, “ou seja, enquanto alguns jovens utilizam as TIC de forma consciente, outros ainda fazem uso muito limitado dos recursos, o que pode ocasionar futuramente, uma exclusão na educação, emprego e participação social” (FANTAUZZI, 2015, p. 47). O silêncio dos educadores e falta de orientação consistente gera um fosso, levando os adolescentes a certo conflito de obediência sobre aquilo que são orientados a estudar e o que realmente desejam estudar.

Na contramão do saber, a filosofia contemporânea tratou de anunciar a crise do conhecimento em suas várias instâncias, anunciou a morte de Deus e foi um escândalo para o cristianismo, mas pouco a pouco essa ideia foi ficando para trás, pois a sociedade de consumo se encarregou de massagear o ego das massas endeusando um novo padrão de ser, interligado ao processo de salvação do indivíduo que reza na cartilha do mercado de consumo (SODRÉ, 2002).

A própria ciência tem demonstrado sua ineficiência, pois a exuberância que nos levou a acreditar que ela resolveria todas as dúvidas e todos os problemas da humanidade não se confirmou (pelo menos no momento). Aprendemos a dominar conhecimentos que até então só os peritos e especialistas detinham. O que era dado como certo, segue por uma lógica que se não banalizada, marca o fim de uma humanidade espiritualizada e de acordo com Lyotard:

Pode-se então esperar uma explosiva exteriorização do saber em relação ao sujeito que sabe (*sachant*), em qualquer ponto que este se encontre no processo de conhecimento. O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (*Bildung*) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso (LYOTARD, 2013, p. 4).

Se a escola é responsável pela educação do adolescente, deve trabalhar com objetivos e meios que ajudem a formar neste uma lógica e uma percepção capaz de levá-lo a participar na construção de uma sociedade que produza e utilize as tecnologias de forma mais crítica e democrática, já que nas entidades sociais (como no caso da Pastoral do Menor), o adolescente se sente mais liberal por sair da lógica do controle. No entanto, percebemos que há entre estes adolescentes, uma forma enganosa de pensar a realidade, acreditando os mal-intencionados, que necessariamente não deveria coabitar na relação entre professor e aluno o confronto entre a mídia e o que pode ou não pode ter utilidade como ferramenta de estudo a ser usada em sala de aula.

Não caberia no processo de ensino aprendizagem uma fuga da realidade menosprezando a cultural popular destes adolescentes, já que a escola deveria traduzir a sua realidade social. Por isso, como “a cultura popular se manifesta através de formas próprias de comunicação, de geração em geração, em harmonia com seu próprio meio” (REZENDE, 1989, p. 83). Igualmente acontece com o adolescente infrator que acabar por desenvolver sua maneira própria de se comunicar em seu ambiente de atuação. Assim, “a tevê corta esses liames e ao fazê-lo altera, na sua essência, estas manifestações e as devolve transfigurando em formas estratificadas de uma falsa erudição urbana” (REZENDE, 1989, p. 83).

Embora não possamos negar a forte ligação do mundo do adolescente em contrapartida à realidade do fazer televisivo, seu consumo cultural se aperfeiçoa a um discurso que perpassa desde os pequenos gingos ao mundo mágico dos desenhos animados, mas esbarra definitivamente no desconhecimento crítico da finalidade que está por trás de cada atração.

Neste sentido, desponta o desfiguramento cultural que ocorre na mudança do que era dado como certo e inquestionável no mundo imaginário e em todas as instâncias culturais, acarretando um falso engano de uma transfiguração que é devolvida a esses adolescentes em forma de encantos, de sonhos que os levam a fantasiar um mundo ideal. Não obstante, como descreve Rezende anteriormente, a “falsa erudição urbana” vem se desenvolvendo em uma cultura da violência. Embora não sendo nossa finalidade aqui, analisar com profundidade alguns programas televisivos, percebe-se que os desenhos e personagens heroicos estão mais violentos, defensivos, com uma liberdade discursiva mais abrangente, com forte apelo ao consumismo, palavrões e obscenidades, antecipando no imaginário e na maturidade do adolescente, questões que eram de um contexto posterior. No cardápio estão programas como “os Simpsons” (criada pelo autor Matt Groening), com uma crítica forte ao sistema social norte-americano, respingando em nossa sociedade, alimentando a imagem de personagens estereótipos de uma sociedade que se baseia em situações decadentes, mais que a tevê acredita se encarregar de expurgar. A mesma sujeira prossegue em “Uma Família da Pesada”, série de desenho animado cujo título em inglês “família Guy” apareceu

pela primeira vez como um trabalho demonstrativo que MacFarlane apresentou para a Fox em 15 de maio de 1998 – se destaca por tratar de forma sarcástica de toda uma cultura norte-americana, que antecipa ao adolescente uma identidade representativa daquilo que é dado como conflito em sua realidade social.

Percebe-se na missão de educar o adolescente brasileiro que, “a escola não tem reconhecido a televisão como um meio didático” conforme nos afirma Rezende (1989, p. 85), levando-nos a crer que não basta assistir os programas televisivos, mas interpretar o cerne de sentidos que se apresentam em sua maioria, velado de sentido, cujos conteúdos, negligenciam a lógica de convivência social, que impõem um consumismo desenfreado de ideias.

Neste jogo de poder entre mídia e telespectador, os riscos são: por um lado, o esvaziamento de importância e sentido dos que ensinam, atribuindo às mídias tal finalidade e por outro lado, a crença de que tudo é educativo, gerando uma massificação de supostos ecléticos, esvaziados mentalmente, incapazes de uma consciência histórica de sua própria identidade pessoal. Por isso, precisamos superar as crenças mágicas atribuídas à mídia. Esta “superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação” (FREIRE, 2013, p. 141).

Neste encontro extasiado das relações midiáticas, não podemos esquecer o cerne cultural educador-educando. Conforme nos adverte Freire, “o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (Ibidem, 2013, p. 89). Deve ser um pensar livre, imbuído de questionamento associado à realidade “que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade” (Ibidem, 2013, p. 90). Esta realidade se configura a partir das experiências de vida que se processa diariamente.

Portanto, esta relação não se pulveriza na subjetividade, mas numa relação de complemento, onde o adolescente, mesmo que em um processo lento, vai se percebendo em sua identidade pessoal. No entanto, conforme Silva (2000, p. 228), “a identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva e tal como toda a realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade”. Essa relação de formação se estende da família à escola e conseqüentemente à sociedade. Neste sentido “a identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais” (SILVA, 2000, p. 228).

4 | A IMAGEM A SER ENSINA PELA MÍDIA

Embora a mídia seja vista em sua forma nociva, como causa de danos negativos na formação do adolescente, há a necessidade da criação de uma educação que os prepare a ser um sujeito crítico. É necessário a criação de um sistema onde os adolescentes possam desenvolver uma compreensão crítica da realidade, sugerida

pelo pedagogo Freire (1992) como uma “Pedagogia da Comunicação”. Esta seria fruto de um “diálogo”, que em nosso ver prepararia o adolescente a “falar o mundo”, “dizer o mundo” e o novo conteúdo seria o “comunicar” e se objetivando como um novo conteúdo pragmático na educação. A imagem a ensinar seria aquela que ativaria todos os sentidos, levando o adolescente à experiência do mundo.

Percebemos com clareza, que na maioria das vezes, o processo de educação das crianças, adolescentes e jovens segue por uma ótica perceptivelmente estranha a realidade dos mesmos. Buscamos uma forma satisfatoriamente plausível e eficiente de domesticá-los com nossa estranha mania de educar, fruto de uma ultrapassada sensação de controle e transformação social. Esquecemos seus gostos, sentimentos e o de fundamental importância: autonomia que os tornem capazes de decidir os gostos e desejos que anseia em sua terna juventude.

Estas vertentes de educação que perpassa a perspectiva formal, preparando o adolescente ao exercício crítico destas novas ferramentas e percepção de sua utilidade ou deformação, condicionam os espaços de educação formal e informal à busca de novos posicionamentos. As máquinas tornam-se obsoletas e na mesma proporção os seres humanos estão a cada dia entrando nesta mesma dinâmica. As facilitações científicas e tecnológicas não podem ser a formulação mirabolante a matar os sonhos utópicos da subjetividade humana.

Todas as tentativas de resgate de uma possível formação para o processo de amadurecimento consciente de uma mentalidade do adolescente exigem do educador social um comprometimento radical, capaz de compreender o processo de delegar, consciente do outro como um ser de liberdade, em crescimento, aprendiz de uma formação intelectual e neste sentido, “o radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em **círculos de segurança**, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la” (FREIRE, 2013, p. 37).

Neste sentido, não é papel só do adolescente em transformar sua realidade, mas também é papel da família, do Estado e do educador social que, impreterivelmente, deve conhecer a fundo a sua finalidade de educador e consciente de sua realidade de agente libertador da realidade. Em sua missão “não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, do qual resulta o crescente saber de ambos” (Ibidem, 2013, p. 37), antes interage aberto ao encontro e a alegria.

Na prática, tendemos ao constante processo de esquecimento da nossa condição humana, que recai sob um estranho pensamento de uma exígua repetição da condição do outro como desumanizado. Isso nos leva a assumir uma linguagem depreciativa do adolescente como pequenos marginais com o repetido engano da dimensão formativa. “O problema de sua humanização, apesar de sempre dever haver sido, de um ponto de vista axiológico, o seu problema central, assume, hoje, caráter de preocupação iniludível” (Ibidem, 2013, p. 39). Isso se dá principalmente

por sua condição de ser em processo de crescimento, que ainda não galgou uma conscientização de sua inconclusão formativa, levando os educadores sociais a uma responsabilidade de preservação de seus direitos. Como tal, dificilmente seria fadado a uma existência de aceitação social, se sua ação inibe e causa distanciamento da população, seja por desinformação ou por via de regras, de uma lei que proporciona uma pena insuficiente.

Na “assistência presença”, do educador social, o adolescente em Liberdade Assistida é orientado a algumas atividades apreciativas de sua realidade, desenvolve atividades artísticas com o intuito de ir percebendo sua construção pessoal, averiguando suas “histórias de vida”, afinando os pontos que os torna moralmente éticos. Este é convidado a exercitar a educação do olhar, já que as “imagens” de sua existência são rejeitadas. “Para que a imagem reapareça à consciência, ela precisa inserir-se no corpo; a imagem psicológica, consciente, é uma encarnação no corpo e em seus mecanismos motores da lembrança pura, inativa, não-percebida, que existe no inconsciente” (SARTRE, 2011, p. 49). Neste trabalho de aprimoramento de resgate de suas lembranças, que vai da “promoção da ingenuidade à criticidade, não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 2011, p. 34). Neste preambulo, a mídia tem muito a contribuir positivamente ou negativamente.

Neste sentido, conforme os dizeres de Paulo Freire, a essência de todo o trabalho do educador social, que estamos considerando até aqui e o valor estético que torna os seres humanos capazes de vivenciarem em suas histórias de vida o que é de mais belo: o encanto pela vida que se faz arte e memória a partir de “imagens signos” (Sartre, 2011). São imagens da vida, postulado necessário a uma retomada que tinha se partido com o delito e dívida com a sociedade. “É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado” (FREIRE, 2011, p. 44), contribuindo assim, para a delinquência em alguns casos e impedindo a ressocialização a partir do momento que banalizamos processo educativo do adolescente.

Assim, o educador social não se recursará em conhecer profundamente o adolescente e sua história de vida. Impor limites, quando necessários, na perfeita sintonia do encontro, do diálogo, resgatando os mais diversos instrumentos de colaboração para o processo de formação e conscientização do adolescente em Liberdade Assistida, com sua identidade pessoal estagnada com o delito.

5 | AS MÍDIAS DIGITAIS COMO INTERAÇÕES

A mídia constitui-se numa escola paralela, que ensina nas entrelinhas, sem que despertemos para essa ampla realidade. Notadamente, ela chega a construir um discurso que vai de encontro à realidade da escola. O adolescente recebe essas mensagens como forma substancial de verdade e as assume como verídicas com

pouco ou nenhum questionamento crítico.

O educando, em geral, não conhece esse gênero de questões referente à organização do currículo pedagógico, menosprezando tudo que faz parte das entrelinhas de um currículo oculto. Momentos de recreio, diversão, brincadeiras ou outras formas de entretenimento não têm para o adolescente, ligação com a aprendizagem. Ele vê que as informações e entretenimentos da mídia nada pretendem e se dissocia do ambiente escolar.

Trazendo a discussão para os conceitos de interações difundidos pelas mídias digitais atualmente, deparamo-nos com diferentes estratégias enunciativas: primeiro, as relações entre os campos sociais e o campo midiático se destacam particularmente, pelos processos crescentes que vêm ocorrendo com a midiaticização das instituições, ou seja, a subordinação de suas ações e agenda a processos de produção que são tomados como empréstimo e difundidos enquanto valores sociais a serem incorporados e seguidos no trabalho com os adolescentes. Em segundo lugar, a criatividade que é partilhada nas redes sociais. “Outros bons exemplos da criatividade estética popular na cidade, são os grafites ou pichações, as decorações de ônibus, o arranjo das fachadas, os cartuns e até a cenografia das vitrines de armazéns populares” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 278).

No campo da produção de discursos midiáticos há ainda discussões outras, também instigantes. Além do discurso presente nos conteúdos, está também o discurso da forma. “A grande maioria da programação da mídia eletrônica e de suas narrativas são fundamentadas nessa homogeneização voltada para a estética da padronização” (ESCUADERO, 2014, p. 125).

Nacionalmente, temos percebido que a mídia televisiva, ao divulgar as tentativas acertadas de educação dos adolescentes, vem mapeando formas sociais de trabalho que aponta o resgate significativo dos processos educativos atribuídos às crianças e adolescentes como sujeitos de direitos do norte ao sul do Brasil. Neste ínterim, é delicioso saber que nos acertos e desacertos dos processos midiáticos há muitas formas educativas direcionadas aos adolescentes, mas, o grande risco e dor é percebermos que essas mesmas mídias que educam, está a serviço de “uma sociedade estruturalmente doente, em muitos sentidos e que é cruelmente excludente e suicida, priorizando o lucro e não a vida” (CHIERA, 2008, p. 23). Na realidade do adolescente brasileiro cabe aprofundar a descoberta de si, do outro e do mundo, sem contrariar a realidade humana. “É a nova luta ecológica: a ecologia humana!” (CHIERA, 2008, p.25).

Corroborando de certo modo para a educação do adolescente, as consequências dos processos midiáticos geram um questionamento: como canalizar as buscas individuais por conhecimento, qualquer que seja ele, para a construção de um saber coletivo para o bem comum, onde também se possam explorar as possibilidades de inovação midiática?

Se o nascimento das novas mídias aumentou a capacidade de participação,

manifestação e expressão dos cidadãos, por outro lado, gerou certa dicotomia frente ao conhecimento, ao relativizá-lo. A Internet atingiu uma formidável expansão como instrumento de comunicação e informação, capaz de ligar os indivíduos do mundo inteiro em torno de temas tão variados como a filosofia, as artes, a política ou o cotidiano das pessoas e sua busca identitária. De acordo com o que propõe os estudiosos da história cultural, as identidades também são constituídas pelas memórias das pessoas anônimas, como no caso do adolescente Liberdade Assistida. Afinal, a história da identidade individual sempre é escrita através das histórias das identidades coletivas que se cruzam nos acontecimentos sociais. Além disso, pode reforçar laços sociais já existentes, facilitando a manutenção do contato entre pessoas que estão geograficamente distantes e pode ser um laboratório de experimentação do adolescente em abordagem interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Perseu Abramo. 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução de Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- BASEIO, M. A. F.; CUNHA, M. Z. Fios do imaginário na trama literária: um estudo interdisciplinar sobre o perspectivismo amazônico¹⁹. In: **Diálogos Interdisciplinares: novos olhares nas ciências humanas**. BRANDÃO, A. J. S. (Org.) Embu-Guaçu, SP: Lumen et Virtus, 2015.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRANDÃO, A. J. S. **Apontamentos Imagético-Interdisciplinares: as artes iconológicas, pictográfica e literária**. Embu-Guaçu, SP: Lumen et Virtus, 2014.
- CELANI, M. A. A. Culturas de Aprendizagem: risco, incerteza e educação. In: MAGALHÃES, M. C. C. **A Formação do Professor como um Profissional Crítico**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- CHIERA, R.. **Presença: contribuições para uma educação de inclusão**. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2008.
- CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **O que é pastoral social?** São Paulo: 4ª edição, Edições Loyola, 2003.
- ESCUADERO, A. **Espelhos midiáticos: uma reflexão sobre projeções e identificações através de técnicas e narrativas**. Lumen et Virtus, v. v, p. 118-129, 2014.
- ECA (**Estatuto da Criança e do Adolescente**). São Paulo: Gráfica Paulus, 2012.
- FANTAUZZI, E. O professor universitário e as TIC como grandes aliadas na construção de uma leitura midiática dos alunos. In: SANTOS, Marcelo; SERGL, Marcos Júlio; SILVA, Lourdes (Orgs.). **Comunicação, mídia e sociedade**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e

Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 54 ed. rev. e atual – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GRACIANI, M. E. S. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 6 ed. São Paulo: Cortez Instituto Paulo Freire, 2009.

LASSANCE, A. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo. 2005. p. 73 – 86.

LENOIR, Y. **Três Interpretações da Perspectiva Interdisciplinar em Educação em Função de Três Tradições Culturais Distintas**. Revista E-Curriculum, São Paulo: v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005, disponível em <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: 07/06/2014.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. 15ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ORTIZ, R. Estado, cultura popular e identidade nacional. In: **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RESENDE, A. L. M. **A tevê e a criança que te vê**. (Ana Lúcia Magela de Rezende e Nauro Borges de Rezende) – São Paulo: Cortez, 1989.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Ciências Humanas e suas tecnologias/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – São Paulo: SEE, 2010. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/43/Files/CHST.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

SARTRE, J. **A imaginação**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen: Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UEPG); mestre em Crítica de Mídia (UEPG). Tem 10 anos de experiência em assessoria de imprensa.

Atualmente é proprietária de agência de publicidade que presta serviços na área de marketing e comunicação empresarial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-344-6

